



CARTAS DE SÃO PADRE PIO

01 DE OUTUBRO DE 2026

Deus: minha vida, minha barca, meu porto

O TRECHO LIDO NESTE EPISÓDIO

Suplico-vos, ó meu bom Deus, para que sejais a minha vida, a minha barca e o meu porto. Vós me fazeis subir sobre a cruz do Filho e eu me esforço para me adaptar da melhor maneira. Estou convencido de que jamais descerei dela e que jamais desejarei ver o ar sereno. Estou persuadido de que é preciso falar a vós entre trovões e redemoinhos de vento, convém ver-vos no lado entre o fogo dos espinhos, mas para executar isso acho necessário ficar descalço e renunciar inteiramente a própria vontade e a própria aflição.

Carta do dia 8 de novembro de 1916

A carta suplica que Deus seja tudo: vida, barca e porto. Ela pede uma entrega que não se limita à presença divina como auxílio eventual, mas a aceita como princípio vital. Quem a lê é chamado a não desejar apenas o alívio das provas, mas a desejar o Senhor em si, a reconhecer que a fé madura consome a urgência de solicitar soluções e transforma o pedido em confiança. Assim, a oração da carta converte a necessidade em um apelo de pertença: que Deus seja a própria vida do coração humano.

A imagem da barca esclarece que a presença de Deus nem sempre remove a tempestade; muitas vezes, ela torna possível a travessia. A carta ensina a pedir não tanto a cessação imediata da dor, mas a companhia que sustenta no meio dela. Há um pedido explícito para não atravessar a prova sem o Senhor: não apenas o consolo, mas a segurança de que não se caminha sozinho. Tal oração suprime o medo de ver o mar calmo como única prova da graça e abre para a experiência de ser sustentado no meio da luta.

O porto, por sua vez, é o destino seguro, o repouso prometido. A carta exige que se examine onde se busca tal porto: em aprovação humana, no controle, nos próprios planos? Tudo isso pode falhar. O convite é radical: fazer de Deus o porto. Essa escolha reorganiza prioridades e sinais de segurança, deslocando a resposta das expectativas humanas para a confiança em quem conduz. A carta pede uma conversão das fontes de segurança, uma reorientação do desejo.

Finalmente, a carta exige renúncia e descalço caminhar diante de Deus: renunciar à própria vontade não é negar o legítimo desejo, mas entregá-lo ao Senhor com maior confiança do que à própria razão. A imagem do descalço aponta para a gratuidade e a humildade necessárias para pisar o terreno santo da providência. Quem acolhe essa mensagem é convidado a confiar, a permitir que Deus seja vida, barca e porto, a abandonar o mapa desenhado por si e a aceitar a travessia confiando-se à condução divina.

PARA A SUA ORAÇÃO

Onde você tem procurado o seu porto quando vem a tempestade?

Senhor Jesus, hoje eu vos peço mais do que uma solução para os meus problemas;
peço que sejais a minha vida, a minha barca e o meu porto;
Quando vier a tempestade, sustentai-me; quando eu não souber o caminho, conduzi-me;
quando minha vontade resistir à vossa, dai-me confiança para me entregar e abandonar em vós;
Pela intercessão de São Padre Pio, ensina-me a desejar a vossa vontade acima de tudo e a confiar que minha vida está
segura em vossas mãos.

PADRE WALLACE TEIXEIRA

Pároco e cura da Catedral de São Sebastião · Diocese de Leopoldina

Receber a reflexão de cada dia

links.cartasdesaopadrepio.com.br